

## 5. Avaliação Escolar

O que é avaliar? Para que avaliar? Como avaliar? Essas são questões que nós, educadores, tentamos responder ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Para Luckesi, (2000, capa) “A avaliação da aprendizagem escolar se faz presente na vida de todos nós que, de alguma forma, estamos comprometidos com atos e práticas educativas”. Nesse sentido, a avaliação presente na própria sociedade e no meio escolar torna-se para nós um, entre vários termos de preocupações. (Revista Pátio, Ano III - Nº 12 - Novas Perspectivas em Avaliação - Fevereiro a Abril de 2000)

Uma das características do ser humano é a capacidade de julgar o seu semelhante. Ao julgar, utilizam-se critérios de valores geralmente concebidos socialmente, ou seja, o que é bom e o que é mau. Diante disso, surgem muitos conceitos, pré-conceitos e discriminações de um sujeito que não seja aquilo que se quer dele, possibilitando, assim a sua exclusão do meio em que ele esteja inserido.

E na escola? Como a avaliação é concebida? A primeira ideia é se o aluno aprendeu ou não os conteúdos durante o bimestre, o semestre ou ainda no ano letivo e, se é capaz de ser promovido à série posterior. Geralmente, utiliza-se de um valor numérico, submetendo o processo educacional apenas aos resultados quantitativos, como se o saber pudesse ser mensurado. O processo de avaliação é necessário e inevitável, sobretudo, é importante que tenhamos clareza do uso que fazemos dele. Vasconcelos (1994, 43) considera a avaliação como:

*Um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar obstáculos. A nota, seja na forma numérica (ex.:0-10), conceito (ex.: A, B, C, D) ou menção (ex.: excelente, bom, satisfatório, insatisfatório), é uma exigência formal do sistema educacional.*

Na História da Educação encontramos duas concepções distintas na forma de avaliar, uma existente na tão famosa Didática Magna de Comenius, em que posiciona a avaliação da seguinte forma:

*1. “De tempos em tempos, interrompendo a lição, deve interrogar um ou outro: “o que acabei de dizer? quer repetir esse período? em que ocasião aconteceu isso? etc. Isso será útil para toda a classe. Se ficar claro que alguém estava distraído, deverá ser repreendido e punido imediatamente, para que todos se esforcem em prestar mais atenção” (COMENIUS, 2002, p. 212).*

*2. “O professor pessoalmente, como inspetor supremo, deverá dirigir-se ora a um, ora a outro, para verificar sobretudo a atenção daqueles em quem tem pouca confiança. Por exemplo: pedirá as lições aprendidas de cor a um aluno, a um segundo, a um terceiro e a todos, enquanto todos os outros ouvem. Assim, todos deverão ir preparados para a escola, pelo temor de ser interrogados” (COMENIUS, 2002, p. 213).*

3.1. *“O professor também poderá, de quando em quando, olhar pessoalmente os cadernos deste ou daquele, sem ordem específica, e punir aquele que tiver sido negligente ou desatencioso” (COMENIUS, 2002, p. 214).*

A outra forma se encontra no Ratio Studiorum que enfatiza a repetição dos conteúdos de forma mecânica e sem questionamento do aluno – Repetitio mater studiorum (a repetição é a mãe da aprendizagem). Os conteúdos ou as lições eram transmitidos aos alunos de forma geralmente oral ou por escrito na lousa. Cabia ao aluno copiá-lo o quanto fosse possível ao ponto de decorá-lo. Posteriormente lhe era cobrado por meio de uma avaliação contínua e sistemática do mesmo conteúdo “até que fique indelevelmente na memória e faça parte da inteligência”.

Atualmente, podemos dizer que há duas formas de avaliação: a avaliação quantitativa e avaliação qualitativa. A avaliação quantitativa utiliza-se de meios objetivados no sentido de medir o desempenho do aluno, comparando-o com os demais colegas e dispondo-os em uma curva normal. Na prática escolar, utiliza-se predominantemente da prova ou de teste. A avaliação qualitativa vai além do quantitativo, realiza-se por meio de processo, buscando os motivos do sucesso ou insucesso do aluno.

Luckesi (1998, p. 33) utiliza o seguinte conceito de avaliação: “a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão”. A prática da avaliação passa também pelo processo de democratização da escola. É imprescindível que haja o envolvimento e participação de todos os segmentos da escola: direção, professores, funcionários, alunos, pais, comunidade na elaboração de um plano de trabalho, no seu acompanhamento e na avaliação dos seus resultados. Esse procedimento dará à escola legitimação política a sua ação educativa.

Jussara Hoffmann num de seus trabalhos de título: “Avaliação mediadora: uma relação dialógica na construção do conhecimento” (2000) propõe um tipo de avaliação em oposição a uma avaliação “sentenciosa, classificatória”. Para tanto, sinaliza que uma avaliação mediadora é aquela que faz parte do processo de aquisição do conhecimento, ou seja, aquela que “encorajaria a reorganização do saber”. Vejamos como diz a autora quando se trata de uma avaliação mediadora:

*O paradigma de avaliação que se opõe ao paradigma sentencioso, classificatório é o que denomino de "avaliação mediadora". "O que pretendo introduzir neste texto é a perspectiva da ação avaliativa como uma das mediações pela qual se encorajaria a reorganização do saber. Ação movimento, provocação, na tentativa de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa. Professor e aluno buscando coordenar seus pontos de vista, trocando ideias, reorganizando-a " (HOFFMANN, 1991, p. 67). Tal paradigma pretende opor-se ao modelo do "transmitir-verificar-registrar" e evoluir no sentido de uma ação avaliativa reflexiva e desafiadora do educador em termos de contribuir, elucidar, favorecer a troca de ideias entre e com seus alunos, num movimento de superação do saber transmitido a uma produção de saber enriquecido, construído a partir da compreensão dos fenômenos estudados. (HOFFMANN, 2000, p. 51)*

O pesquisador e educador Luiz Carlos Freitas aponta que no contexto educacional a avaliação acontece em dois planos: uma avaliação formal (com provas, seminários, trabalhos

individuais ou em grupo, etc) e uma avaliação informal, subjetiva, que se realiza no silêncio, mas é percebida por meio de expressões, falas, ameaças, punições, comparações, entre outras atitudes. Podemos dizer que a avaliação informal, oculta, seja muito mais drástica, tendo em vista, que ela seja um dado da exclusão de muitos alunos no meio escolar e, por vezes, a evasão definitiva deste aluno.

A pesquisadora Ana Maria Saul num de seus artigos sobre avaliação de título “Para Mudar a Prática de Avaliação do Processo Ensino e Aprendizagem” (S/R: mimeo) agrupa alguns itens que nós, educadores e instituições de ensino, sentimos nesse processo e, ao mesmo tempo, apresenta uma proposta de avaliação. Vejamos:

Aspectos Técnicos	Aspectos Conceituais
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que instrumentos selecionar e/ou elaborar?</li> <li>• Como registrar os resultados da avaliação?</li> <li>• Como fazer protocolos de avaliação, relatórios, pareceres, dossiês?</li> <li>• Quais são as diferenças entre diferentes modalidades de registros de avaliação qualitativa?</li> <li>• Como sintetizar os registros de avaliação e chegar a um conceito?</li> <li>• Como fazer avaliações individualizadas com muitos alunos na sala de aula?</li> <li>• Como comunicar os resultados de avaliação para as famílias?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que tipo de avaliação fazer?</li> <li>• O que é mais adequado, a avaliação quantitativa ou a avaliação qualitativa?</li> <li>• Qual é a avaliação que interessa?</li> <li>• O que fazer com a avaliação numa estrutura curricular em que não há retenção? Como garantir o aprendizado dos alunos?</li> <li>• O que fazer com os resultados da avaliação?</li> <li>• Como manter a disciplina dos alunos em sala de aula se a avaliação deixa de ter o poder de retenção?</li> </ul>
<p><b>A AVALIAÇÃO QUE INTERESSA</b> (proposta da autora)</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• em compromisso com a educação democrática, numa perspectiva de inclusão dos educandos e não de exclusão deles;</li> <li>• contribui para o estabelecimento de uma relação pedagógica democrática;</li> <li>• tem função diagnóstica;</li> <li>• ajuda o educando a aprender e o professor a ensinar;</li> <li>• auxilia o professor a replanejar a sua ação;</li> <li>• favorece o auto-conhecimento do educando;</li> <li>• contribui para que o educando se torne o sujeito do seu processo de aprendizado;</li> <li>• é participativa;</li> <li>• tem a sua ênfase nos aspectos qualitativos do desenvolvimento do educando;</li> <li>• enfatiza o processo e o resultado do aprendizado;</li> <li>• focaliza os diversos aspectos relacionados ao processo ensino-aprendizado para a compreensão do desenvolvimento do educando.</li> </ul>	

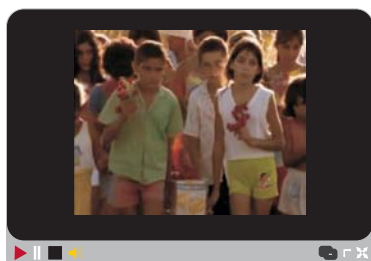




Atualmente, muitos questionamentos têm surgido no meio acadêmico, sobretudo, quanto à qualidade de ensino. Nesse patamar, colocam-se tanto a didática quanto as metodologias de ensino no palco de debates frente aos inúmeros problemas que a Educação Brasileira vem enfrentando. Nesse sentido, podemos adiantar que os estudos propostos nesta disciplina não terminam aqui; requerem longos estudos e reflexões a respeito da educação, sobretudo, a partir do próprio significado de educação. Educação significa educar para a sociedade, para o mundo, ou seja, educar significa ações humanas que direcionam o sujeito nesse processo de entender e participar de forma efetiva numa sociedade. No meio escolar é a socialização do patrimônio de conhecimento acumulado e as formas de convivência social. Sendo assim, o que nos cabe então, caro aluno, são estudos e mais estudos, leituras e muitas leituras, participações em congressos, simpósios, seminários e, assim por diante, na busca de entendermos cada vez mais o significado não só da educação, mas da existência humana, e, principalmente, da importância da participação na formação de pessoas.



No site <http://portacurtas.uol.com.br> você pode assistir aos vídeos educativos sugeridos abaixo:

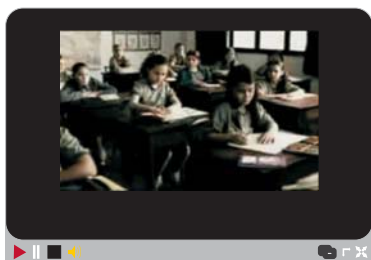


### **A Invenção da Infância**

*De Liliana Sulzbach*

Duração: 26 min

Ser criança não significa ter infância. O documentário faz uma reflexão sobre essa fase da vida no mundo contemporâneo. Recomendado para estudantes e professores.

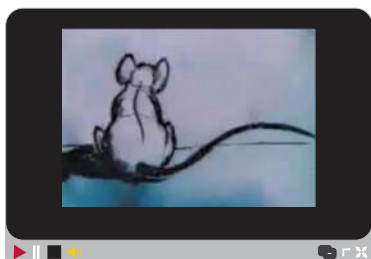


### **A Peste da Janice**

*De Rafael Figueiredo*

Duração: 15 min

Início do ano letivo. Janice, filha da faxineira, é a nova aluna da escola.



### **Ratos de Rua**

*De Rafael de Paula Rodrigues*

Duração: 05 min

Uma crítica social ao modo como são tratadas as nossas crianças e ao futuro do nosso país. Para ver e refletir.

#### **Para mais vídeos educativos e textos visite:**

<http://www.miniweb.com.br/top/>

<http://www.microsoft.com/brasil/educacao/videos/default.aspx>

<http://www.artmed.com.br/patioonline/patio.htm?PHPSESSID=47c842e39090dec902020db09b210123>

<http://www.scielo.br/?lng=pt>